

# Pagar ou não pagar?

**Havana** — Uma das mais brilhantes figuras da nova geração de economistas brasileiros, aqui em Havana, Luiz Gonzaga Belluzzo acha que seu pronunciamento na reunião poderia ser confundido com sua óbvia condição de economista do PMDB. E ele está em Cuba exibindo apenas seu chapéu de professor da Unicamp. E nessa condição que, na próxima semana, retornando ao Brasil, divulgará um documento a respeito desta conferência. Por tudo isso, Belluzzo prefere fazer um balanço para esta coluna. Ele acha que o slogan "não pagar a dívida" possui a mesma natureza "retórica e irresponsável" do slogan "vamos fazer o ajuste do FMI com o propósito de pagar". A reunião de Havana, segundo ele, "só terá sentido de convergir para o consenso de Cartagena". Sua reflexão:

"Se a conferência tentar ultrapassar o que está sendo feito por Cartagena ou buscar uma via paralela ela será um fracasso. Mas poderá transformar-se em um êxito se consolidar o processo de Cartagena. Problemas comuns foram colocados com clareza nesse consenso. E a posição do chanceler Olavo Setubal é compatível com o que foi dito em Cartagena quando ele diz, por exemplo, que é possível encontrar um meio de superar posições imediatistas. Aliás, isso se refletiu na posição do novo presidente do Peru, Alan Garcia".

O jovem professor da Unicamp acha impossível avançar simultaneamente em três frentes: 1 — Pagar os juros da forma como eles estão concebidos neste momento, 2 — Realizar com êxito uma política anti-inflacionária, 3 — Re-

tomar o crescimento a uma taxa de 6 ou 7 por cento. "As três questões estão ligadas e sofrem a influência de marcas do passado, como a desorganização financeira interna e o problema das taxas de juro internas. Além disso, não adianta tentar arrumar a casa se não existe estabilidade internacional".

Belluzzo espera não ver o Brasil alinhado com "posições simplista" e fala das dificuldades que os países latino-americanos enfrentam para pagar a dívida: "Diante das condições atuais, em matéria, de taxas de juros e de comércio, o pagamento é realmente difícil. Em alguns países essa dificuldade é quase absoluta, como no caso da Bolívia. Em outros, é relativa. É preciso levar em conta as implicações internas da estagnação econômica por um período muito longo. A estagnação é particularmente danosa em um momento, como o atual, de grandes transformações na economia mundial".

Belluzzo explica: a questão que se coloca é de repactuação da dívida em condições que permitam uma recuperação por parte dos países devedores. Um desequilíbrio comercial e financeiro coloca fatalmente em risco a saúde da economia mundial. É impossível discutir a renegociação da dívida sem uma nova ordem econômica internacional. Essa questão foi momentaneamente esquecida ou obscurecida pelo crescimento atípico da economia norte-americana. Na opinião de autoridades e economistas dos Estados Unidos esse fenômeno não se repetirá. E isso poderá levar a situação crítica de 1982 e 83".